

# UM OLHAR SOBRE A PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS DENTAIS NO VERNÁCULO PESSOENSE

Pedro Felipe de Lima Henrique (UFPB)  
pedrofelipeh@hotmail.com

Dermeval da Hora (UFPB)  
ho\_ra@hotmail.com

## Introdução

A palatalização das oclusivas dentais diante da vogal alta [i] é um fenômeno presente em boa parte dos dialetos brasileiros. Ele já foi objeto de análise sociolinguística feita por pesquisadores como Bisol (1986), com base nos dados de fala coletados em comunidades Gaúchas (RS), Hora (1990), com dados da comunidade de Alagoinhas (BA), Macedo (2004), com dados da comunidade carioca (RJ), e Pagotto (2004) com dados da comunidade de Florianópolis (SC). Todos eles analisaram os contextos linguísticos e sociais desse fenômeno e apontaram, a partir dos resultados obtidos, a condição de prestígio que essa variável goza.

No dialeto pessoense, entretanto, é observada uma exceção à regra de palatalização mais utilizada nessas regiões, já que os falantes de João Pessoa tendem a inibir a palatalização diante da vogal alta. Todavia, em palavras como *muito* e *gosto*, a palatalização acontece com mais frequência. Desta forma a assimilação progressiva, em que o contexto fonológico anterior exerce influência sobre o seguinte, está mais presente no dialeto pessoense do que a regressiva.

É notório, entretanto, o estigma da palatalização da oclusiva em contextos de assimilação progressiva, não anterior a vogal alta [i], como em “coitxado” e “gostxo” que é geralmente associada, principalmente pelos meios de comunicação, à fala pessoas com baixa escolaridade. Deste modo, uma análise sociolinguística do fenômeno se faz necessária na comunidade de João Pessoa, com o intuito de compreender como esse processo é realizado pela comunidade linguística em questão e qual o status que essa variante goza, permitindo o apontamento ou não de uma mudança linguística.

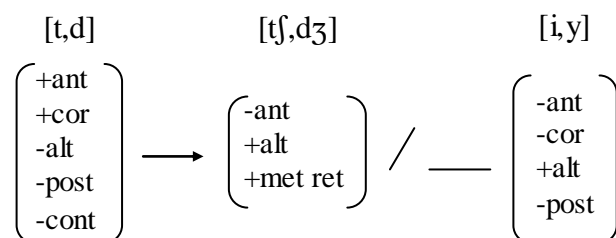
Outro trabalho já propôs o estudo sociolinguístico desse fenômeno na comunidade pessoense, resultando na dissertação de mestrado de Andrade (2008). No entanto, a análise desenvolvida descrevia a palatalização das oclusivas dentais em contextos de assimilação regressiva junto com a progressiva, sendo a distinção entre as duas apenas uma das variantes estudadas. Neste artigo, descreveremos, através de análise sociolinguística, cada uma dessas variantes individualmente, utilizando as mesmas variáveis para ambas, destacando os contextos mais favoráveis para a palatalização das oclusivas tanto por assimilação regressiva quanto pela progressiva, a partir dos dados de fala presentes no *corpus* do Projeto de Variação Linguística da Paraíba (VALPB).

## 2. O fenômeno da Palatalização Das Oclusivas Dentais

A respeito das consoantes oclusivas dentais /t/ e /d/, Câmara Jr. (1976, p.56) afirma que, no PB, sob influência da vogal alta [i] ou do glide [y], essas consoantes são palatalizadas, transformando-se nas africadas [tʃ] e [dʒ], como resultado de um processo de assimilação regressiva. Esse fenômeno é muito comum em grande parte das regiões do Brasil, e já foi objeto de estudo de vários pesquisadores, dentre eles Lopez (1979), que analisou o dialeto carioca, Bisol (1986), que trabalhou com os dados de fala coletados em comunidades Gaúchas (RS), Hora (1990), que analisou o fenômeno na comunidade de Alagoinhas (BA), Macedo

(2004), que trabalhou com os dados da comunidade carioca (RJ), e Pagotto (2004) que trabalhou com a comunidade de Florianópolis (SC).

A partir da perspectiva teórica que se adote, esse fenômeno pode ser analisado de forma diferente. No estudo de Lopez (1979), por exemplo, a abordagem utilizada pela autora é baseada na visão linear, seguindo os padrões estabelecidos pelo SPE<sup>1</sup>. Desta forma, a autora explica a palatalização através da assimilação de um traço distintivo do elemento seguinte da cadeia de fala, como na representação abaixo:



Hora (1990,1993) apresenta uma proposta embasada nas premissas estabelecidas pelas teorias não lineares, das quais podemos citar a Teoria Autossegmental e a Geometria dos Traços<sup>2</sup>. A partir dessa ótica, o autor descreve a palatalização das coronais como a mudança de uma consoante simples para complexa, pelo fato de /t,d/ receberem um traço vocálico de /i/, o coronal, que muda [+anterior] da consoante em [-anterior], como está representado na figura abaixo (HORA, in BISOL, 2010, p. 230):

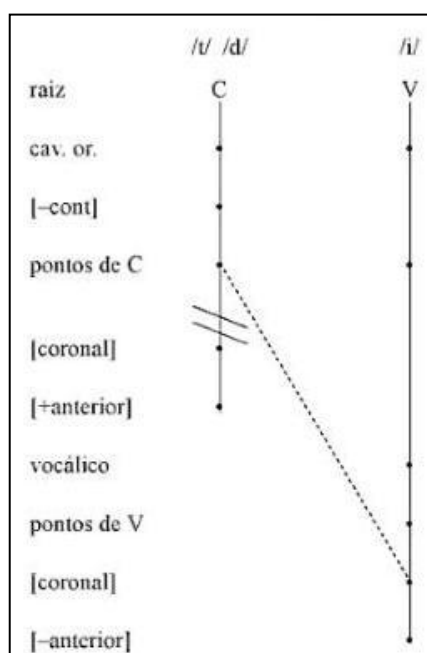


Figura 1 – Processo de assimilação regressiva. Fonte: Hora in Bisol (2010, p.230)

<sup>1</sup> *The Sound Pattern of English* (SPE) é um sistema revisado de traços distintivos proposto por Chomsky e Halle

<sup>2</sup> A teoria Autossegmental é um modelo que pretende representar os processos fonológicos que ocorrem numa dada língua (nasalização, assimilação, etc.) e serve-se do modelo de organização da Geometria de Traços para este fim. A Geometria dos Traços supõe que os traços distintivos estão organizados numa hierarquia e que essa hierarquia obedece a critérios específicos (níveis de constrictão). Os traços estão organizados em camadas e estão agrupados em nós classe, que dependem directamente da raiz. (BISOL, 2010, p.45)

Não sendo nosso objetivo o aprofundamento nessas teorias, apenas o apontamento se faz necessário por hora, em nível de entendimento do fenômeno e para que possamos enxergar sua origem a partir das explicações sugeridas pelas teorias fonológicas.

### 3. Marco Teórico: A Teoria da Variação

A teoria da variação ou sociolinguística quantitativa teve sua gênese em meados dos anos 60 com o estudo sobre o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard, no Estado de Massachusetts (Estados Unidos), realizado por William Labov. A partir da metodologia nele utilizada, Weinreich, Labov e Herzer lançaram uma proposta intitulada "*Empirical Foundations for a Theory of Language Change*" (Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística), que postulava uma teoria e uma metodologia eficazes para a investigação da mudança linguística. Essas novas propostas faziam crítica, principalmente, ao caráter não empírico das teorias anteriores. Elas alegavam que, sendo a língua o objeto de estudo da linguística, os dados de fala deveriam servir de base para a análise da mudança nas línguas.

Labov (1972) enxerga a língua como um fenômeno social e cultural com variações que podem ser mensuradas e sistematizadas, a partir de um levantamento estatístico de ocorrências das variáveis na fala dos indivíduos da comunidade. A respeito da influência dos fatores sociais na mudança linguística, ele afirma:

[...] podemos esperar que os fatores sociais estejam profundamente envolvidos na atuação do porquê o estudo se fez em um lugar especial, no tempo e no espaço...o nosso primeiro problema é o de determinar os aspectos do contexto social da língua, que estão conectados com mudança linguística... seria, portanto, correlacionar os nossos dados linguísticos com as medidas de posição social ou comportamento podendo ser repetido em outro ponto no tempo. (LABOV, 1972, p. 47)<sup>3</sup>

Ademais, o autor acredita que a variação é motivada a fatores linguísticos e extralinguísticos como idade, sexo, nível econômico, classe social, estilo, etc. Para que tais mudanças ocorram, esses fatores interagem, motivando o uso de uma forma variável que toma expressividade em grupos de indivíduos, avançando posteriormente para outros grupos. Para comprovar sua teoria, o linguista desenvolveu um modelo teórico que opera com números e trata os dados estatisticamente, com o intuito de simplificar a obtenção da quantificação sobre o papel dos fatores condicionadores de aplicação da regra variável e torná-la mais precisa. Dessa forma, o modelo laboviano permite que compreendamos as estruturas variantes existentes em uma língua e que observemos os mecanismos que regem as variações e a mudança linguística.

Como a análise proposta nesse artigo é um estudo sociolinguístico a respeito do fenômeno da palatalização da oclusiva dental, seu objetivo é descrever estatisticamente esse fenômeno variável para analisar, apreender e sistematizar as variantes linguísticas utilizadas dentro da comunidade de fala de João Pessoa.

---

<sup>3</sup> [...] we can expect that social factors will be deeply involved in the actuation problem: why it took place at the particular time and place that it did... our first problem is to determine the aspects of the social context of language that are most closely connected with linguistic change... We would therefore be wise to correlate our linguistic data with whatever measures of social position or behavior can be repeated reliably by others at other points in time. (LABOV, 1972)

## 4. Metodologia

### 4.1 O Corpus Linguístico

O corpus analisado nesta pesquisa foi o do Projeto de Variação Linguística da Paraíba (VALPB), criado e coordenado pelo professor da Universidade Federal da Paraíba Dermeval da Hora em 2005. Este corpus é composto por cerca de 60 horas de gravações com falantes da comunidade linguística de João Pessoa. Para esse estudo, foram selecionadas 36 entrevistas, estratificadas de acordo com as seguintes características:

Quadro 1 – **Estratificação dos informantes**

<b>Sexo:</b>	Masculino	18 informantes
	Feminino	18 informantes
<b>Faixa Etária:</b>	15 - 25 anos	12 informantes
	26 - 49 anos	12 informantes
	+ de 49 anos	12 informantes
<b>Escolarização:</b>	Nenhum ano	12 informantes
	5 - 8 anos	12 informantes
	+ de 11 anos	12 informantes

Fonte: Pesquisa direta 2011/2012

A seleção das entrevistas foi feita de forma aleatória, sendo observados como requisito os falantes serem naturais da cidade de João Pessoa ou lá morar desde os cinco anos de idade e nunca ter saído por mais de dois anos.

### 4.2 Definição das variáveis

A análise da palatalização em contextos anteriores a [i,y] (e.g. pote, bode) e em contextos não anteriores a [i,y] (e.g. gosto, muito) foi feita separadamente, no entanto as variáveis utilizadas em ambos foram praticamente as mesmas. Elas foram selecionadas a partir dos postulados de Labov (1972) e da leitura de outros trabalhos sobre palatalização, como os de Bisol (1985), Hora (1990), e Pagotto (2004).

Desta forma, apontamos como variável dependente o próprio fenômeno da palatalização, podendo ser detectada a pronúncia como dental ou alveolar, ou como africada ([tʃ] ou [dʒ]). Quanto as variáveis independentes, podemos dividi-las em dois grupos: as variáveis sociais e as variáveis linguísticas. As variáveis sociais utilizadas foram sexo (masculino e feminino), anos de escolarização (nenhum ano, de 5 a 8 anos e mais de 11 anos) e faixa etária (de 15 a 25 anos, de 26 a 49 anos e mais de 49 anos). Quanto as variáveis linguísticas, foram analisados: contexto fonológico precedente (consoante coronal palatal, vogais ou líquidas ou consoantes nasais, glide em coda precedente e silêncio ou pausa), tonicidade (tônica, pretônica, postônica e monossílabo átono), número de sílabas (monossílabo, dissílabo e trissílabo ou polissílabo), categoria gramatical (substantivo, adjetivo, verbo, preposição e outros), tipo de consoante (oclusiva dental surda e sonora) e estilo (casual e formal).

### 4.3 Método de Análise

Após o levantamento das ocorrências e a codificação de cada uma de acordo com as variáveis apontadas, os dados foram processados com o auxílio do programa computacional Goldvarb 3.0. Este aplicativo da Macintosh executa análises de regras variáveis e manipula os dados, possibilitando um tratamento estatístico eficiente da ocorrência do fenômeno e a influência de cada uma das variáveis nesse processo.

## 5. Descrição e Análise dos resultados

Apresentaremos neste momento, em termos de probabilidade e percentual, os dados quantitativos da análise probabilística do Goldvarb, feita com na amostragem de um total de 2.337 contextos de ocorrência realizadas nas entrevistas de 36 informantes da cidade de João Pessoa. Deste total, 2.088 contextos foram antes da vogal anterior alta ou glide, sendo os outros 249 contextos não anteriores a [i] ou [y]. Analisaremos cada um separadamente.

### 5.1 Contextos anteriores à vogal alta [i] ou glide

Do total dos 2.088 contextos analisados, somente 114 favoreceram a regra da palatalização, perfazendo um percentual de 10,48% do total. Seguem abaixo, as tabelas elaboradas com os resultados da rodada do Goldvarb:

Tabela 1 - Sexo

	<b>Apl./Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso Relativo</b>
<b>Masculino</b>	56/1056	5.3	0.459
<b>Feminino</b>	58/1032	5.6	0.542
Imput 0.976			Log likelihood = -296.448

Fonte: Pesquisa direta 2011/2012

Com relação aos fatores sociais, temos, primeiramente, o fator sexo. As mulheres são as que mais favorecem a variante palatal com o peso relativo acima do ponto neutro com 0.542 e frequência de aplicação de 5,6%, enquanto que os homens apresentam um peso relativo de 0.459 e frequência de aplicação de 5,3%.

Tabela 2 – Anos de escolarização

	<b>Apl./Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso Relativo</b>
<b>Nenhum ano</b>	17/609	2.8	0.586
<b>5 a 8 anos</b>	53/750	7.1	0.437
<b>+ de 11 anos</b>	44/729	6.0	0.492
Imput 0.976			Log likelihood = -296.448

Fonte: Pesquisa direta 2011/2012

Quanto ao fator anos de escolarização dos informantes, podemos notar que os falantes com nenhum ano de escolarização se mostram favorecedores da variante palatal com um peso relativo de 0.586, apesar da frequência de aplicação ser de apenas 2,8%. Isso indica que esse fator é favorecedor quando associado a outros fatores, já que o peso relativo é o resultado do cruzamento de resultados com todas as variáveis analisadas. Já os falantes com 5 a 8 anos de escolarização inibem esta variante com 0.437. O interessante é que os falantes com mais de 11 anos de escolarização se apresentam perto do ponto neutro com 0.492. Isso pode ser um indício de que, entre os falantes pessoenses, o processo de palatalização tende a

se expandir longe dos contextos sociais de normalização da língua. Como não há gradação de valores entre a frequência da variante e anos de escolarização, não podemos precisar um valor de prestígio da variante inovadora pelo contexto de sua realização.

Tabela 3 – Faixa etária

	<b>Apl./Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso Relativo</b>
<b>15 a 25 anos</b>	35/595	5.9	0.410
<b>26 a 49 anos</b>	28/636	4.4	0.555
<b>+ de 49 anos</b>	51/857	6.0	0.522
Imput 0.976			Log likelihood = -296.448

Fonte: Pesquisa direta 2011/2012

O fator faixa etária também não apresenta gradação de valores proporcionais entre níveis de idade e frequência da variável palatal. Mesmo assim, percebemos que os falantes entre 15 e 25 anos se mostram como inibidores à regra, com peso relativo 0.410. Já os contextos 26 a 49 anos e mais de 49 anos mostram-se mais favorecedores, apresentando, respectivamente, pesos de 0.555 e 0.552.

Tabela 4 – Contexto fonológico precedente

	<b>Apl./Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso Relativo</b>
<b>Consoante coronal palatal</b>	57/101	56.4	0.018
<b>Vogais, líquidas e nasais</b>	49/1575	3.1	0.550
<b>Glide em coda precedente</b>	1/27	1.3	0.526
<b>Silêncio/pausa</b>	7/385	1.8	0.554
Imput 0.976			Log likelihood = -296.448

Fonte: Pesquisa direta 2011/2012

Dentre as variáveis linguísticas, uma das que mais se destaca em nossa pesquisa é o contexto fonológico precedente, pois ele nos mostra o grau de influência da coronal palatal e do glide em coda para a aplicação da regra de palatalização. Apesar de apresentar um peso relativo bastante baixo, a frequência de palatalização nesse contexto pós-coronal é bastante alta, chegando a 56,4% de aplicação. As vogais líquidas vem em segundo plano em termos de porcentagem, assim como seu peso relativo, 0.550, indica esse contexto como favorecedor à regra. Não somente ele, mas o glide em coda precedente e o silêncio ou pausa também são apontados como favorecedores, apresentando, respectivamente, pesos de 0.526 e 0.554.

Tabela 5 – Tonicidade

	<b>Apl./Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso Relativo</b>
<b>Tônica</b>	26/567	4.6	0.643
<b>Pré-tônica</b>	19/386	4.9	0.414
<b>Pós-tônica</b>	59/748	7.9	0.362
<b>Monossílabo átono</b>	10/387	2.6	0.642
Imput 0.976			Log likelihood = -296.448

Fonte: Pesquisa direta 2011/2012

Na posição pós-tônica podemos observar uma boa frequência (7,9%) de realização das palatoalveolares, apesar de que o valor do peso relativo (0.362) apresenta o contexto como inibidor do processo. A frequência de palatalização em monossílabos átonos é a menor de todas, porém o peso relativo mostra esse fator como favorecedor à regra (0.642). Do mesmo modo a posição pré-tônica apresenta uma frequência de palatalização se confrontado

com o peso relativo de 0.362. A posição tônica, no entanto, apresenta uma boa frequência de aplicação e um peso relativo que a evidencia como favorável à regra.

Tabela 6 – Número de sílabas

	<b>Apl./Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso Relativo</b>
<b>Monossílabo</b>	10/415	2.4	0.603
<b>Dissílabo</b>	37/867	4.3	0.486
<b>Trissílabo ou polissílabo</b>	67/806	8.3	0.462
Imput 0.976			Log likelihood = -296.448

Fonte: Pesquisa direta 2011/2012

Quanto ao número de sílabas, os monossílabos, apesar da baixa frequência, apresentam-se como contexto favorável à regra com 0.603. As palavras com duas ou mais sílabas apresentaram uma boa frequência de aplicação (8,3%), mas o peso relativo revela-as como inibidoras do processo (0.462). O mesmo acontece com as palavras de duas sílabas, contexto que apresenta 4,3% de frequência e peso relativo de 0.486.

Tabela 7 – Categoria gramatical

	<b>Apl./Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso Relativo</b>
<b>Substantivos</b>	33/565	5.8	0.579
<b>Adjetivos</b>	30/329	9.1	0.320
<b>Verbo</b>	28/625	4.5	0.516
<b>Preposição</b>	10/389	2.6	0.545
<b>Outros</b>	13/180	7.2	0.442
Imput 0.976			Log likelihood = -296.448

Fonte: Pesquisa direta 2011/2012

Como favorecedor da regra a classe de palavras substantivos apresenta os valores de 0.579 de peso e 5,8% de frequência. As preposições são a segunda categoria mais influente, com peso relativo de 0.545, apesar da baixa frequência de aplicação (2,6%). A classe verbos apresenta peso relativo próximo ao ponto neutro, mas acima dele com 0.516 e frequência de 4,5%. A classe adjetivos e outras classes, apesar de apresentarem grande frequência (9,1% e 7,2%, respectivamente), possuem pesos relativos que os qualificam como inibidores à regra.

Tabela 8 – Tipo de consoante

	<b>Apl./Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso Relativo</b>
<b>Oclusiva desvozeada</b>	82/938	8.7	0.375
<b>Oclusiva vozeada</b>	32/1150	2.8	0.602
Imput 0.976			Log likelihood = -296.448

Fonte: Pesquisa direta 2011/2012

Outro grupo de fatores significativo, o tipo de consoante mostra como a oclusiva desvozeada é a maior frequência, apesar do peso relativo (0.375) a identificar como inibidora do processo. O inverso acontece com a oclusiva vozeada, que apresenta uma baixa frequência de execução (2,8%), mas apresenta um peso relativo de 0.602, o que a enquadra como favorável à regra da palatalização.

Tabela 9 - **Estilo**

	<b>Apl./Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso Relativo</b>
<b>Casual</b>	81/1268	6.4	0.401
<b>Formal</b>	33/820	4.0	0.651
Imput 0.976			Log likelihood = -296.448

Fonte: Pesquisa direta 2011/2012

Quanto ao estilo, podemos perceber uma maior frequência de aplicação da regra em contextos de informalidade (6,4%). No entanto, com o cruzamento dos dados, esse contexto apresentou um peso relativo de 0.401, o que o caracteriza como inibidor. O contrário acontece com os contextos de formalidade, em que a frequência de aplicação é menor (4,0%), mas o peso relativo corresponde a 0.651, o que caracteriza esse contexto como favorável ao processo de palatalização.

## 5.2 Contextos não anteriores à vogal alta [i] ou glide [y]

Quanto aos contextos não anteriores à vogal alta [i] ou glide [y], do total dos 249 contextos analisados, somente 114 favoreceram a regra da palatalização, perfazendo um percentual de 10,48% do total. Seguem abaixo, as tabelas elaboradas com os resultados da rodada no Goldvarb:

Tabela 10 - **Sexo**

	<b>Apl./Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso Relativo</b>
<b>Masculino</b>	31/141	25.0	0.518
<b>Feminino</b>	27/108	22.0	0.477
Imput 0.775			Log likelihood = -131.717

Fonte: Pesquisa direta 2011/2012

Quanto ao fator social sexo, observamos valores próximos ao ponto neutro. No entanto, são os homens que apresentam a maior frequência de aplicação (25,0%) e o maior peso relativo (0.518), enquanto que as mulheres apresentam uma frequência de 22,0% e um peso relativo de 0.459, revelando-se inibidoras da regra.

Tabela 11 – **Anos de escolarização**

	<b>Apl./Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso Relativo</b>
<b>Nenhum ano</b>	15/60	25.0	0.465
<b>5 a 8 anos</b>	32/109	29.4	0.411
<b>+ de 11 anos</b>	11/80	13.8	0.645
Imput 0.775			Log likelihood = -131.717

Fonte: Pesquisa direta 2011/2012

Com relação ao fator anos de escolarização, observamos o contexto mais de 11 anos como maior favorecedor à regra, com peso relativo de 0.645, apesar de apresentar uma baixa frequência de aplicação (13,8%). Os contextos nenhum ano e de 5 a 8 anos, apesar de apresentarem altas frequências de aplicação (25% e 29,4%, respectivamente), com o cruzamento dos dados, elas foram apontadas como inibidoras com peso relativo de 0.465 para nenhum ano e 0.411 para de 5 a 8 anos.



Tabela 12 – Faixa etária

	<b>Apl./Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso Relativo</b>
<b>15 a 25 anos</b>	17/75	30.1	0.498
<b>26 a 49 anos</b>	30/97	39.0	0.394
<b>+ de 49 anos</b>	11/77	30.9	0.635
Imput 0.775			Log likelihood = -131.717

Fonte: Pesquisa direta 2011/2012

O fator faixa etária se apresenta de forma muito parecida com o fator anos de escolarização. O contexto + de 49 anos é o mais favorável, com peso relativo de 0.635 e frequência de aplicação de 30,9%. O contexto 15 a 25 anos se encontra próximo ao ponto neutro, com peso de 0.498 e frequência de 30,1%. Já o contexto 26 a 49 anos, apesar de apresentar uma alta frequência de aplicação (39,0%), apresenta um peso relativo que o enquadra como inibidor do processo (0.394).

Tabela 13 – Contexto fonológico precedente

	<b>Apl./Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso Relativo</b>
<b>Consoante coronal palatal</b>	3/6	50.0	0.232
<b>Glide em coda precedente</b>	55/243	22.6	0.507
Imput 0.775			Log likelihood = -131.717

Fonte: Pesquisa direta 2011/2012

Lidando agora com as variáveis linguísticas, temos o contexto fonológico precedente. Na rodada em contextos não anteriores à vogal alta, o contexto consoante coronal palatal se destaca pela frequência de aplicação, que foi cerca de 50,0%, apesar de apresentar um baixo peso relativo (0.232), que o adjetiva como um contexto inibidor à regra. Já o glide em coda precedente, apesar de apresentar baixa frequência (22,6%), o seu peso relativo (0.507) se aproxima do ponto neutro.

Tabela 14 – Número de sílabas

	<b>Apl./Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso Relativo</b>
<b>Dissílabo</b>	56/240	23.3	0.499
<b>Trissílabo ou polissílabo</b>	2/9	22.2	0.515
Imput 0.775			Log likelihood = -131.717

Fonte: Pesquisa direta 2011/2012

Quanto ao número de sílabas, ambos os contextos apresentam pesos relativos próximos ao ponto neutro. O contexto 2 sílabas apresenta 23,3% de frequência e peso relativo de 0.499. Já o contexto 3 ou mais sílabas apresenta uma frequência de 22,2% e peso relativo de 0.515.

Tabela 15 – Categoria gramatical

	<b>Apl./Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso Relativo</b>
<b>Substantivos</b>	4/16	25.0	0.477
<b>Adjetivos</b>	31/127	21.7	0.522
<b>Outros</b>	11/77	24.4	0.485
Imput 0.775			Log likelihood = -131.717

Fonte: Pesquisa direta 2011/2012

Em se tratando de categoria gramatical, o contexto adjetivos apresenta maior peso relativo (0.522), apesar de ser a menor frequência de aplicação (21,7%). Já os contextos

substantivos e outros aparecem como inibidores à regra, apresentando, respectivamente, pesos relativos de 0.477 e 0.485, e frequência fundamental de 25,0% e 24,4%.

Tabela 16 - **Estilo**

	<b>Apl./Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso Relativo</b>
<b>Casual</b>	28/137	20.4	0.539
<b>Formal</b>	30/112	26.8	0.452
Imput 0.775			Log likelihood = -131.717

Fonte: Pesquisa direta 2011/2012

Quanto ao contexto de interação, temos o contexto formal como inibidor, com um peso relativo de 0.452, apesar da frequência de aplicação ser 26,8%. Já o contexto casual apresenta-se como favorecedor à regra de palatalização, com peso relativo de 0.539, apesar da frequência de aplicação ser 20,4%.

## 6. Conclusões

A partir e dos dados coletados, podemos fazer algumas considerações sobre os dados coletados e processados pelo programa Goldvarb 3.0. Começamos com a análise feita em contextos anteriores à vogal alta ou glide. Ao analisarmos os contextos sociais percebemos que os valores observados não são suficientes para elucidar questões de prestígio das variantes selecionadas. A regra de assimilação não é produtiva na fala de pessoas com mais de 11 anos de escolarização, o que não quer dizer que a variante palatalizada não goza de prestígio, já que as mulheres, que geralmente optam pela variante prestigiada, aplicam mais a regra da palatalização do que os homens na comunidade pessoense. Quanto aos contextos linguísticos, podemos dizer que o mais significativo é o que diz respeito ao contexto fonológico precedente, que aponta a coronal como um forte favorecedor à regra. Também é importante a observação da variável estilo, que aponta o estilo casual como maior favorável.

Quanto à análise feita em contextos não anteriores à vogal alta ou glide, temos resultados mais significativos. Nos contextos sociais, podemos observar que a variante palatalizada é mais utilizada pelos homens, por pessoas com mais de 49 anos e que tem 5 a 8 anos de escolarização. A partir desse panorama podemos inferir que a variante palatal, nesse contexto, possui um caráter mais conservador, não apontando para nenhum indício de prestígio. Quanto aos contextos linguísticos, os mais chamam atenção são o contexto fonológico precedente, que aponta a coronal e o glide como favorecedores a variante palatal, e o estilo, que aponta os contextos casuais como mais favoráveis à regra. Disto, podemos concluir que a variante palatal, não anterior à vogal alta ou glide, não tem tanto prestígio quanto em contextos anteriores à vogal alta ou glide.

Vale salientar, no entanto, que uma amostragem maior seria necessária para que pudéssemos ser mais categóricos quanto às conclusões citadas neste trabalho. No entanto, o objetivo básico do trabalho foi cumprido, já que ele pretendia investigar, de maneira superficial e a partir do modelo laboviano, a condição de prestígio das variantes palatalizadas no dialeto pessoense.

## Referências Bibliográficas

ANDRADE, Elton Jones Barbosa de. *Assimilação como gatilho para a palatalização das oclusivas dentais /t,d/*. João Pessoa: UFPB, 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

BISOL, Leda. A palatalização e sua restrição variável. *Estudos*, Salvador, n.5, p.163-77, 1986.

\_\_\_\_\_ (org.) *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 5 ed., rev. - Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

BISOL, L. e HORA, D. O. da. Palatalização da oclusiva dental e a Fonologia Lexical. In: *Letras 5*. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 1993.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. *História da linguística*. [Tradução de Maria do Amparo Barbosa de Azevedo]. Petrópolis: Vozes, 1976.

HORA, Dermeval da. *A palatalização das oclusivas dentais: variação e representação não linear*. Porto Alegre: PUCRS, 1990. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada), Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1990.

\_\_\_\_\_. A palatalização das oclusivas dentais: contextos linguísticos favorecedores. *Euc. e Comp.* Teresina, v.3, n<sup>1</sup>/2, p. 33-46, jan.-dez. 1991.

LABOV, William. *Sociolinguistic pattern*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LOPEZ, B. S. *The sound partner of brazilian portuguese* (Cariocan dialet). Los Angeles: UCLA, 1979. Tese (Doutorado em Linguística), UCLA, 1979.

MACEDO, Sandra Siqueira de. *A palatalização do /s/ em coda silábica no falar culto recifense*. Recife, 2004. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, 2004.

PAGOTTO, E. G. *Variação e (‘) identidade*. Maceió: EDUFAL, 2004.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1994.